

BERADEIRAGEM

ANTOLOGIA POÉTICA

NAYLANE ARAÚJO MATOS
SAMUEL PESSOA DA SILVA
ORGANIZADORES

BERADEIRAGEM

ANTOLOGIA POÉTICA

NAYLANE ARAÚJO MATOS
SAMUEL PESSOA DA SILVA

Porto Velho



2025



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE RONDÔNIA - IFRO

Reitor Moisés José Rosa Souza

Pró-Reitor de Ensino Jean Peixoto Campos

**Pró-Reitora de Pesquisa,
Inovação e Pós-
graduação** Xênia de Castro Barbosa

Pró-Reitora de Extensão Érica Patrícia Navajo

**Pró-Reitor de
Desenvolvimento
Institucional** Mauro Henrique Miranda de Alcântara

**Pró-Reitor de
Administração** Elisandro de Moura Martins



EDITORA DO INSTITUTO FEDERAL DE RONDÔNIA

Editora-chefe Ilma Rodrigues de Souza Fausto

Bibliotecária Roseni Santos Rodrigues

CONSELHO EDITORIAL

Presidente Dr. Luis Ribeiro Medeiros
Dr. Leandro Dill
Dr^a. Wanderson Roger Azevedo Dias
Dr. Nilson Santos
Dr^a. Xênia de Castro Barbosa
Dr. Adamir da Rocha Nina Junior
Dr. Marcos Barros Luiz
Dr^a. Lady Day Pereira de Souza
Dr^a. Iranira Geminiano de Melo
Dr^a. Valéria Costa de Oliveira

CAPA Obra de Flávio Dutka

Quando disponibilizada em PDF, recomenda-se a geração em formato “PDF marcado” (Tagged PDF), com vistas à interoperabilidade com tecnologias assistivas, em alinhamento às diretrizes de acessibilidade para PDF (PDF/UA – ISO 14289).

BERADEIRAGEM

Antologia Poética

Ficha catalográfica

M433b

Matos, Naylane Araújo (org.).

Beradeiragem: antologia poética [recurso eletrônico] /Naylane Araújo
Matos, Samuel Pessoa da Silva, organizadores. - Porto Velho, RO :
Editora IFRO, 2025.

92 p. : il.; ePUB.

ISBN 978-65-989425-1-9 (e-book)

1. Poesia brasileira. 2 Literatura amazônica. 3. Cultura ribeirinha -
Amazônia. 4. Identidade cultural. 5. Amazônia - Aspectos culturais. I
Silva, Samuel Pessoa da (org.). II. Título.

CDD: 869.1

CDU: 821.134.3(81)-1

Bibliotecário(a) Responsável: Roseni Santos Rodrigues, CRB-11/916 (Reitoria)

Editora do Instituto Federal de Rondônia
Avenida Lauro Sodré, nº 6.500, Reitoria, Aeroporto.
76803-260 - Porto Velho - RO
Tel.: (69) 2182-9601
portal.ifro.edu.br
editora@ifro.edu.br

Sumário

Prefácio.....	6
A poética beradeira como resistência contracolonial na Amazônia: uma introdução...	8
Antônio Serpa do Amaral (Basilho).....	16
Manifesto Karipuna.....	17
Aluá de Mariri	20
Rubens Vaz Cavalcante (Binho).....	22
Piracema.....	23
Ponto do Velho.....	24
Bira Lourenço.....	25
Nós.....	26
Autuações	27
Carlos Macedo Dias (Poeta Mado).....	28
Ato.....	29
Poema na beira	30
Nilza Menezes.....	31
Espelho d'água I	32
Espelho d'água II	33
Matheus Faustino	34
homem-rio	35
Uma memória de infância.....	36
Espinheiro	37
Amanara Brandão Lube.....	38
Alô, alô, urbano.....	39
Corpo-banzeiro	40
Saudade ancestral	41
Preta Ponta de Facão.....	42
Jamile Soares.....	43
Ando com as minhas ancestrais.....	44
Mãos pretas.....	45
Corpo-resistência	46
patthy pds.....	48
~ floresta mapinguari.....	49
~ norte.....	50
~ do norte pro sul pro norte (parintins-amazonas).....	51
~ uma mulher que ama em amazônia	52

Negra Mari	53
A tão grande Outra.....	54
Arma afiada	55
Andressa Silva	56
Olhando no rio	57
Samuel Pessoa.....	58
BÉRA.disse	59
Célia Marques.....	60
Cega	61
Té.leZ.é?	62
Nazaré.....	63
Béra Akilas	64
Declaração Universal dos Direitos Humanos Beradeiros	65
Art'tude	69
Planet' Água	71
Jhuka Andrade	72
Minha morada.....	73
Marcela Bonfim	75
Pega no caboco	76
Asafe Moreno	77
Eldorado Sangrento.....	78
Gabriela Saturnino	79
Procura-se a Amazônia	80
Ode ao Descobrimento de Mário de Andrade	81
Ecos	82
Órfão de Cultura.....	83
Naylane Araújo.....	85
Isto não é um poema	86
Nota de cem ou a Cosmóvisão beradeira	87
Beradeiragem	88
Índice Remissivo de Termos Beradeiros	90

Prefácio

É com grande entusiasmo que escrevo o prefácio à antologia poética *Beradeiragem*, uma obra que ressoa as vozes e as vivências dos povos beradeiros da região amazônica, mais especificamente de Porto Velho, Rondônia, revelando as complexidades e as riquezas culturais das comunidades ribeirinhas. Como professora que atuou em uma universidade localizada em território amazônico - especificamente Universidade Federal de Rondônia -, é com orgulho que testemunho a expressão artística e literária de artistas e poetas que tanto enriquecem e se voltam à região norte.

Adentrar nas páginas desta antologia é um convite a uma jornada poética que nos transporta para as margens dos rios amazônicos, mais especialmente às margens do rio Madeira, onde a vida, a natureza, e a sobrevivência se entrelaçam em um movimento dialógico. Cada poema, cada verso, revela não apenas a beleza da linguagem, mas também as narrativas profundas e significativas que permeiam a existência de beradeiros e beradeiras, suas lutas, suas tradições, suas formas de revide, suas reinvenções e suas esperanças.

É importante ressaltar que o *lócus* de enunciação dos poemas desta antologia não está no centro, mas sim nas margens, nas periferias, nas vozes que muitas vezes são silenciadas pela hegemonia dos grandes centros literários. A presença dessas narrativas beradeiras na literatura desafia e enriquece a visão tradicionalmente dominante, trazendo à tona perspectivas e experiências que desestabilizam narrativas hegemônicas sobre a Amazônia e que cancelam uma compreensão mais ampla e inclusiva da diversidade cultural brasileira.

Nesse sentido, *Beradeiragem* não é apenas uma coletânea de poemas, é um grito de resistência desses povos frente às opressões históricas e contemporâneas. Por isso, como educadora comprometida com a valorização da diversidade cultural e o respeito às identidades locais, vejo nesta obra um instrumento poderoso para promover a reflexão crítica, o diálogo intercultural e a valorização das vozes marginalizadas, principalmente aquelas da região norte deste país.

Que esta antologia seja mais do que um livro de poesia, seja um recurso pedagógico e um convite à reflexão em nossas salas de aula e espaços acadêmicos. Que cada palavra escrita pelos autores e autoras aqui reunidos/as seja

um ponto de partida para discussões sobre identidade, memória, colonialismo e justiça social, estimulando o pensamento crítico e a consciência política coletiva.

Que a *Beradeiragem* seja uma bússola que aponta o Norte brasileiro, um farol de luz e inspiração para estudantes, pesquisadores e pesquisadoras, artistas e comunidades locais, fortalecendo o orgulho e a valorização da cultura amazônica. Que a poesia e a arte presentes neste livro ecoem além das fronteiras da academia, disputando consciências e contribuindo para a construção de uma sociedade mais humanizada, inclusiva, justa e solidária.

Que as vozes dos beradeiros e beradeiras ressoem alto e claro em nossas mentes e corações, lembrando-nos da importância de preservar e celebrar a diversidade cultural que nos cerca e nos norteia, mas, sobretudo, que nos convida ao engajamento social pela via literária, nos alertando também para as novas vozes e estéticas insurgentes na literatura brasileira contemporânea.

Prof^a. Dr.^a Jordana Cristina Blos Veiga Xavier
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS)

A poética beradeira como resistência contracolonial na Amazônia: uma introdução

Pautada na poética beradeira, esta obra é uma dentre tantas formas de materializar a Amazônia como *lócus* de enunciação e de produção cultural resistente às hegemonias coloniais expressas nas artes e na literatura brasileira. É necessário abrir os ouvidos para escutar a Amazônia pela gente amazônida, rompendo com a objetificação e assujeitamento dos discursos daqueles que inventaram uma Amazônia exotizada, folclorizada, esterotipada e marcada pelas lentes coloniais capitalistas, cujo projeto foi e continua ser a exploração de povos e territórios.

Beradeiragem é parte de um processo artístico-cultural amplo que busca evidenciar a identidade beradeira no território de Porto Velho. Por isso, esta obra reúne diferentes autores/as e perspectivas que reivindicam a identidade beradeira e suas cosmovisões para o fortalecimento do resgate histórico-cultural dos povos ribeirinhos, aqui auto identificados como beradeiros/as. Beradeiros/as, isto é, povos à beira do rio, que partilham saberes, vivências e peculiaridades históricas e culturais à margem de um rio amazônico, mediadas por ciclos econômicos, migrações e imposições coloniais. *Beradeiragem – antologia poética beradeira* pauta as imbricações culturais resultantes de processos históricos que marcam e delineiam o território de Porto Velho, articulando as relações da floresta e seus rios com a cidade, os modos de vida, diferentes contradições e pautas de luta.

Pela via do texto poético, buscamos fomentar a construção de novas bases epistemológicas que norteiem práxis políticas, pedagógicas e artísticas resultantes da oposição ao projeto colonial na Amazônia. *Beradeiragem*, portanto, se apresenta como uma forma de resistência contracolonial, evocando as imbricações culturais de povos originários, migrantes nordestinos e demais trabalhadores migrantes, quilombolas, ribeirinhos e demais povos que habitam à beira de rios amazônicos, mais especificamente do rio Madeira, cuja principal cidade banhada por suas águas é Porto Velho, capital de Rondônia. Aqui, devemos advertir a quem nos lê: não é Roraima (RR), é Rondônia, cuja sigla é RO e localiza-se entre os estados brasileiros do Acre, Amazonas, Mato Grosso e da Bolívia.

A conjuntura político-econômica que afeta este território, com o intuito de atender aos interesses das classes dominantes, atua de modo a forjar um sistema

de controle ideológico das subjetividades beradeiras e de legitimar uma produção cultural que reproduza e garanta seus interesses. Como forma de resistência beradeira e construção de novos discursos contracoloniais e abrangentes da história local, esta obra se propõe a compor o processo de descolonização de padrões colonialistas que invisibilizaram, exploraram e hegemonizaram corpos, povos e territórios amazônicos. Se a Amazônia foi sempre traduzida pelas lentes colonialistas do explorador, temos aqui a oferta de poemas contracoloniais, cujo *locus* de enunciação é o seio da Amazônia. Os poemas que aqui se apresentam evidenciam as formas históricas de resistência da classe trabalhadora frente à dominação e à exploração dos corpos e territórios na Amazônia.

Beradeiragem é um grito de resistência do estilo de vida beradeiro, cuja semântica está amalgamada na própria linguagem beradeira que se apresenta nos poemas desta antologia, a começar pela grafia do termo “beradeiro/a” [beiradeiro]. Em termos lexicais, o sufixo “eiro” evoca a origem/naturalidade de quem está à beira do rio, assim como a qualidade/tendência do que está à beira. Entretanto, “beira”, aqui grafado como “bera” [ˈberɐ], recusa o núcleo silábico *ei* do português padrão, demonstrando como o português falado, ou o “pretuguês” na concepção de Lélia Gonzalez (2020)¹ rejeita a imposição colonial e o caráter formal da língua europeia. Do mesmo modo, a pessoa à beira do rio, beradeira, reduz-se à sua forma derivada “béra”, assim mesmo com acento agudo, para demarcar o sotaque local. Logo, forjamos aqui a *Beradeiragem* como um neologismo que denota tanto a ação contínua, o processo e o ajuntamento (através do sufixo “agem”) das vivências heterogêneas da beira do rio, quanto à camaradagem da gente Béra, essa forma abreviada não marcada para gênero.

Ao reunir diferentes discursos beradeiros e suas heterogeneidades, esta antologia evidencia um percurso de reconhecimento individual, mas principalmente coletivo, na reafirmação identitária e no fortalecimento dos modos de ser beradeiro/a, além de configurar-se como um processo pedagógico. Pedagogia, no sentido compreendido pela *Beradeiragem*, se apresenta enquanto metodologia inerente e indispensável às lutas sociais, políticas, ontológicas e epistêmicas que

¹Lélia Gonzalez forja o neologismo “pretuguês” para referir-se ao processo de africanização ou crioulanização do português europeu no Brasil. O conceito evoca a presença negra na formação cultural brasileira que incidiu na língua falada, sobretudo por influência da Mãe Preta cuidadora, trabalhadora reprodutiva da vida dos “sinhozinhos” brancos e contadora de histórias que desconfiguraram a língua colonial padrão.

reivindicam a descolonização de hierarquias de poder forjadas pelo contexto colonial, ao passo que visa a emancipação de povos historicamente subalternizados, numa sociedade cujo modo de produção cria diferenciações de classe, de gênero, de raça e tantas outras necessárias para sustentar a exploração.

No contexto de relações hierárquicas entre centro e margens da produção cultural, contestamos os discursos inventados sobre a Amazônia (Gondim, 1994) - especialmente veiculados pelos viajantes imperialistas europeus e evangelizadores - e subvertemos as representações colonialistas do povo amazônida, ampliando as representações literárias amazônicas. Se a literatura, como aponta Terry Eagleton (2019), é um importante veículo de legitimação de discursos e interesses das classes dominantes, ela é também uma potente ferramenta para representar identidades dissonantes, contestar histórias hegemônicas e fazer ecoar contradiscursos, como propõe Regina Dalcastagnè (2007).

A poesia é escolhida como gênero desta obra pela sua potência responsiva ao seu tempo histórico (von Hunty, 2020). Significa dizer que, por ter menor tempo de produção, quando comparado a outros gêneros literários, a poesia é um gênero que se configura e circula de maneira mais rápida e responsiva. Ou seja, responde mais rapidamente aos eventos históricos e sociais de um determinado tempo, ocasionando a circulação dessa resposta de maneira mais ágil e fluida, à medida que sai das circunstâncias do processo escrito e se estende a saraus, rodas de *slam*, lambes no ponto de ônibus, músicas, dentre outras formas de circulação.

Assim, quem lê esta obra pode encontrar poemas-respostas a diferentes situações que acometem o povo beradeiro de Porto Velho, como a construção das usinas hidrelétricas que represaram o rio Madeira, as migrações forçadas, o desmatamento da Amazônia, as formas de resistência das mulheres negras amazônidas contra as mazelas sociais marcadas duplamente pelo gênero e pela raça, dentre outras questões tão prementes nesse tempo histórico.

Ainda, esta obra poética pode ser lida como parte do processo de descolonização do território cultural, mas não a descolonização tal qual elaborada por Edward Said em *Cultura e imperialismo*. Para Said (2011), as resistências nas disputas territoriais podem ser lidas como resistências primárias, sendo secundárias as resistências ideológicas que buscam restaurar o senso comunitário e identitário estilhaçado pelo sistema colonial. No entanto, entendemos que as formas de resistência primária e secundária apontadas por Said (2011) devem ser

compreendidas num processo dialógico, no qual as formas de resistência se alimentam e se fortalecem mutuamente. Tampouco podemos conceber como ideológicas as resistências dos povos colonizados, uma vez que essas formas de resistência justamente desnudam e criticam o que a ideologia desenvolvimentista na Amazônia busca ocultar como expressão do real. Assim, diante da ideologia colonialista/desenvolvimentista e de progresso na Amazônia, instrumentalizada para assegurar as formas de exploração e dominação político-econômica, emergem diferentes formas de luta e de formação pedagógica que se contrapõem ao modelo hegemônico.

No contexto do território de Rondônia, especificamente de Porto Velho, a ideologia imperialista ganhou novas roupagens com as explorações dos ciclos da borracha, entre finais do século XIX e início do século XX, cuja expressão máxima do símbolo extrativista da indústria gomeira foi a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (1907-1912), um empreendimento colossal para atender aos interesses econômicos dos Estados Unidos e Europa (Córdoba, 2024: Hardman, 2005). Essa intervenção colonizadora, puramente para fins de acumulação do capital, modificou as culturas originárias, fomentou processos migratórios e fixou modos de sociabilidade, nos quais incluem a imposição linguística e literária para assegurar o processo de imposição (neo)colonial, legitimando discursos, costumes e modos de pensar colonizadores e violentos a ponto de inferiorizar os povos e territórios colonizados, suas expressões culturais e seus modos de vida.

Sob o jugo colonialista, portanto, o modo de viver beradeiro, seus costumes e expressões, incluindo o próprio termo “beradeiro”, foram utilizados para depreciação dos povos que assim se identificam. O movimento de ressignificação da identidade beradeira tem ganhado corpo nas diferentes expressões culturais, como a literatura, o teatro, o artesanato, a culinária, a moda, o design, etc., especialmente após a realização do Festival Beradeiros, em 2005. Parte da ressignificação e reivindicação da identidade beradeira como instrumento político deve-se à atuação da banda Quilomboclada, que une a perspectiva do quilombo à caboclada para demarcar um posicionamento afroindígena beradeiro na música desde 2003. Seus fundadores compõem esta antologia: Béra Samuel Pessoa, organizador desta edição, poeta e revisor de conteúdo e o poeta, músico e artista plástico BerAkillaz.

Embora alinhavada pela beradeiragem, a seleção de poemas que apresentamos é diversa e múltipla, tem diferentes influências e pontos de vista,

construções estéticas distintas e eu líricos plurais. Assim, encontramos aqui não uma única poética beradeira, mas diferentes modos de ler a vida beradeira em suas pluri interações. Entramos na poesia beradeira em diálogo com o cânone literário brasileiro e com a singularidade vocabular das matas e das florestas, das expressões da beira do rio, dos seringais, da fauna e da flora que se apresentam familiar ao público leitor beradeiro, mas que pode facilmente embaraçar os repertórios do leitorado de outros contextos, chancelando, portanto, processos de alteridade na leitura.

Antônio Serpa do Amaral Filho (mais conhecido como Basinho) é quem dá abertura a esta Beradeiragem e nos apresenta uma voz poética histórica e em diálogo com diferentes movimentos literários brasileiros. O autor integra elementos que perpassam escolas literárias, que retomam autores de expressão nacional e que exacerbam novas formas literárias expressas pelo modernismo brasileiro e suas rupturas estético-linguísticas, sobretudo, evocando os manifestos oswaldianos. É o “Manifesto Karipuna” que abre esta antologia poética. É um manifesto de quem se denuncia como um futurista da Poesia Pau-Brasil (Andrade, 1924). Mas essa é uma antropofagia revisitada, feita agora desde a Amazônia, crítica e fora dos escritórios de São Paulo. Aliás, a crítica aos modernistas do centro literário de São Paulo é tópico caro à poesia da jovem poeta Gabriela Saturnino, em seu poema “Ode ao Descobrimento de Mário de Andrade”.

Ainda sobre o “Manifesto Karipuna”, é importante mencionar que se trata de um manifesto que alude aos povos indígenas da região, mais especificamente ao povo Karipuna de Rondônia, que, como tantos povos à beira do rio Madeira, fora violentamente atacado com a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e com os ciclos de exploração da borracha em Rondônia, mas que nunca deixou de resistir. De acordo com o ISA (Instituto Socioambiental), em 2004, registrou-se apenas quatorze sobreviventes do povo Karipuna de Rondônia. Além da violenta história de genocídio desse povo no século XX, motivada por interesses econômicos, os Karipuna seguem sendo atingidos pelas construções de usinas hidrelétricas no estado e pelas novas facetas do projeto capitalista, de modo que é urgente debatermos, para além das representações literárias, as situações e questões políticas que acometem a vida dos povos indígenas.

Nesse sentido, aludir aos Karipuna na literatura é posicionar a importância de pautarmos a luta histórica desse povo quase dizimado pela invasão colonial e

ataques capitalistas em Rondônia, ao passo que reivindicamos a urgente demanda por políticas públicas que garantam condições de vida para os Karipuna e seus parentes indígenas. Se o movimento artístico beradeiro, entre as décadas de 1980 a 1990, fizera circular a literatura local na cidade de Porto Velho por meio do projeto “Mosquitinho Karipuna”, com o avançar das pautas indígenas no século XXI, temos um movimento Béra muito mais atento à posicionalidade e compreensão de quem deve ocupar os lugares de fala, sem se esquivar, entretanto, de falar junto, falar com, engrossar o pirão (como dizem os/as amazônidas), entendendo que a luta beradeira deve ser uma luta unificada com as pautas de diferentes frações da classe trabalhadora.

Nesse sentido, é importante ressaltarmos que esta obra não se trata de literatura indígena, embora permeada de alusão às lutas históricas dos povos indígenas de Rondônia, sua sabedoria ancestral e suas cosmovisões. Reconhecemos a importância da vasta literatura indígena que tem ganhado propulsão desde a década de 1990, suas elaborações teóricas e suas proposições epistemológicas que questionam o próprio conceito de literatura e de autoria, além da premente correlação desta literatura – marcada pela atuação direta de escritores/as indígena – com a política em torno da questão indígena (Dorrigo, 2018).

Entretanto, não deixamos de concatenar que a exploração do território de Porto Velho, que afetou diferentes povos indígenas e seus modos de vida, é fruto dos interesses econômicos para acumulação do capital desde o século XIX. Se, no século XIX, as cachoeiras do Rio Madeira precisavam ser contornadas para atender aos interesses extrativistas da indústria gomeira, no século XXI, os avanços capitalistas as extinguiram com a construção da Usina Hidrelétrica Santo Antônio (2012) e outras espalhadas pelos rios de Rondônia. Os poemas do Poeta Mado e de Nilza Menezes presentes nesta antologia exprimem os sentimentos dos povos beradeiros frente à exploração do rio represado, demarcando uma poética que dialoga com a memória.

Nilza Menezes é poeta contemporânea dos diferentes “B” que se cristalizaram como expressão do movimento beradeiro, em finais do século XX e início do século XXI, em Porto Velho. Letra B de *Béra* e das iniciais carinhosas pelos quais são conhecidos alguns dos Béras que se reivindicam precursores do movimento local beradeiro. Nomes bem referendados na voz poética de BerAkillaz,

na “Declaração Universal dos Direitos Humanos Beradeiros”. Declaração que, aliás, viabiliza questionar o sujeito universal de direitos assegurados pela democracia burguesa.

Claro que esta antologia poética não se constituiria sem esses Bérás, mas é ainda mais claro que o movimento Béra não se concentra na produção artística de homens B-éra. Aqui, é preciso lançar mão da interseccionalidade como ferramenta analítica (Collins; Bilge, 2017) para compreensão do movimento e proposição mais abrangente de suas formas de expressão. Gênero, raça, classe, sexualidade, posicionalidade e geografia se concatenam nesses poemas. Vemos desde questões geopolíticas que afetam a Amazônia aos costumes reafirmados pela gente beradeira das margens do rio Madeira; a voz poética que busca localizar-se em meio à cultura hegemônica; as influências do hip hop como cultural marginal que ressoa em versos; a Amazônia negra construída por mulheres afroamazônidas; o sujeito caboclo e a caboclitura ressignificada e reafirmada; a parte do Brasil que se autorrefere latino-americana; a geração de jovens poetas em busca de sua identidade amazônida; a presença das narrativas orais; a fauna, a flora e a gente-floresta.

Aqui, o público leitor beradeiro encontrará identificação e ressonância de vozes que lhes são familiares, ao passo que o leitorado mais distante do contexto amazônico pode conhecer e se deixar ser atravessado por essa parte do Brasil tão negligenciada e hegemonicamente retratada. Esta antologia é para se fazer conhecer e reafirmar que há aqui uma expressão da literatura brasileira que é beradeira, é portovelhense, é amazônida. E a *Beradeiragem* é política. Desejamos uma excelente leitura!

Naylane Araújo

Poeta, tradutora e professora no Departamento de Línguas Estrangeiras da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

Referências

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

CÓRDOBA, Lorena. *La reina del Orthon: crônicas femeninas del auge gomero*. Venezia: Edizioni Ca` Foscari – Venice University Press, 2024.

DALCASTAGNÉ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 4, 2007.

DORRICO, Trudruá. Vozes da literatura indígena brasileira contemporânea: do registro etnográfico à criação literária. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Orgs.). Rio de Janeiro: ZAHAR, 2020.

HARDMAN, Francisco Foot. *Trem-Fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HUNTY, Rita von. Slam e Poesia. In: *Tempero Drag*. 2020. 1:53.

LEÃO, Maria Auxiliadora Cruz de Sá; AZANHA, Gilberto. *Karipuna de Rondônia*. In: ISA. Povos indígenas no Brasil. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karipuna_de_Rond%C3%B4nia. Acesso em: 20 out. 2023.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.



**Antônio Serpa do Amaral
(Basilho)**



Manifesto Karipuna

Antes da palavra escrita,
 dos reinóis e da nobreza
 assim era a natureza do Mundo Novo Brasilis.
 Não fazia ideia Anchieta nem Vieira nem Cabral
 nem Bento Teixeira tampouco,
 nem Gregório do Barroco,
 nem o Cláudio do Arcadismo nem Santa Rita Durão.
 Nem mesmo a primeira geração do romantismo
 caboclo de Gonçalves Dias e Magalhães,
 nem mesmo as demais gerações
 de Casimiro, Castro Alves e Junqueira,
 nem Macedo da Moreninha nem Alencar de Iracema.
 Nem o modernismo antropofágico paulistano
 tampouco o manifesto andradiano.

Só a terra havia, i tinha o rio-mar;
 a vida acontecia, i tinha cesta;
 a chuva caía despudorada;
 i tinha a gente tupiniquim.

Era Tupã, maniva, patuá, Ceci i tapuia,
 tapera, curumim i tajá,
 samburá, pupunha, samambaia i pitomba,
 bico de arara, arraia, piriquito i barreiro,
 aceiro, tucupi, porco-do-mato, jambu i borduna,
 gente Karipuna,
 sucupira i mangaba.

Eram recifes intemporais, infinitos litorais i babaçu;
 eram homens: novos, velhos, tupis i guaicurus;
 eram mulheres: nuas, cruas, saradas, despertas, cansadas;
 i tinha tucumã, i macaxeira, pimenta malagueta i o cheiro do jenipapo,
 i tinha urucum, papagaio, sabiá, anum i girassol,
 ingá, tupinambá, tapioca, guajará-mirim i atol,
 i tinha dança, fogueira, festança i jaci,
 i tinha caça, onça do mato, caititu i pintado,
 tinha viado, colibri, macaco prego i mungango,
 tinha guerra, tinha terra pra todo lado,
 i tinha choro, tinha medo i bravura,
 também tinha cunhã, cipó, i cascavel,
 surubim, pico-de-jaca, i potoca,
 farinha de tapioca, biribá, cupuaçu i pão, i queijo,

tinha pajé, ziguizira, uirapuru i mutum,
 i tinha crença, tinha lua, a lenda da caninana,
 mel de abelha, caju, i zarabatana,
 tinha cacique i tambor,
 araçá, goiaba, iara, tchaca-tchaca-na-butchaca i zueira,
 corredeira, Mata Atlântica i lagoa do Abaeté,
 castanheira, peixe-boi, pereba, beiradão i piranha,
 tinha oca, cafuné, maloca, mujangué i pirão,
 trovão, inverno, pororoca i piracema,
 o canto da jurema, chocalho de cascavel i penacho,
 i tinha tribo, conelho, saúva, suvela i buriti,
 patativa, fresca da tarde i baleia,
 tinha até sereia no mental dos nativos,
 Quarup, mandacaru, tucuxi i piaba,
 jiquitaia, tucandeira, pixilinga i pajelança.

Um dia, assim que o sol despontou brilhante
 no horizonte azul do verde mar,
 eis que chegaram os invasores navegantes.
 E teve olho arregalado e bisbilhoteiro,
 o coração bateu mais ligeiro,
 e houve um correr à praia, espanto e desconfiança,
 praga de sonso, euforia, correria e gritos de guerra,
 posse da terra em nome do Venturoso,
 e teve a primeira missa e a primeira hóstia também.

Ao Rei de Portugal, Cabral mandou avisar:
 tinha descoberto novas terras, vida nova, novo mar.
 Parido para o novo mundo,
 Macunaíma,
 quinhentas calendas no lombo em busca de sua louca identidade,
 entoa seu grito libertário e antropofágico:
 Que se danem as boas intenções!
 Que venham os ingleses, negros, franceses, holandeses e lusitanos...
 Que venham todos os mundanos!
 Gregos e troianos!
 Tenho o olho maior que a barriga,
 a fome de história maior que a boca da noite,
 e uma incomensurável e pirante sede de vida justa!

Estão todos convidados! A pajelança vai começar.
 Venham plasmar a cara de uma gente sem rosto,
 com dez mil falares a gosto,
 vamos construir a grande civilização tropical,

aquele que haverá de despudorar o mundo,
e abençoá-lo em kizombas,
romarias e benzedeadas,
desbundes, macumbas e carnavais.
Viva o cantar dos pajés: Ubaldo e Darcy Ribeiro!

Aluá de Mariri

vivo no Panamericano porto
 liquidificando meu viés romântico
 um transatlântico com a cara de toda gente do Brasil
 onde tudo é provincianamente seringueiro
 meu anjo torto,
 meu som insosso,
 a voz esgota a desaguar no Madeira
 sou cordilheira índiaméricamazônida,
 tupiniquim e guaporé

porto é rebordosa,
 rosa antropofágica do norte
 onde a morte cala exuberantemente reprimida
 e tanto faz quanto tanto freud a nova lida
 se na nossa linda city,
 travestida, antienrustida,
 o poder é ópio do povo

sonsa,
 tua cara é libidinosamente sádica, trágica
 teu silêncio vende minha sorte a quem te der mais
 teu desabafo experimentalmente ríspido
 lava a roupa suja da emoção nesse compasso

porto,
 me serve a lombra de um outro site
 detona a veia da emoção, me escuta
 na minha cuia mariri não é cicuta
 mas aluá de magia beradeira

as nuvens cínicas incendeiam o ar
 mística guerreira sem nenhum pudor
 neo-experimentalismo, um pulsar

cadê tua foz?
 cadê tua voz?
 cadê a luta do teu povo inerte?
 o som deste rincão de garimpeiros?
 a pompa do teu hino ufanista?
 a vista do mirante beiradão?
 cadê o trem da Madeira-Mamoré em romaria?

diz-que já vem
ano-que-vem
ano-que-vem

e o escaldante sol da nova estética?
cadê o canibal do teu terreiro eclético?
a calda do teu crítico patético?
o transmutar frenético?
a sinfonia do Madeira em tom maior, cadê?
o verso animal do Moreira?
o desbunde madeirista?
o teu sentido niilista?
o novo artista desvairado?
a bomba plástica do aluado?
a sedução bombástica?
a nova poesia cáustica?

tua gente
teu navio
teu cais

tua boroca semântica?
tua tapioca quântica?
tua macaxeira homérica?
cadê tua voz de lavadeira?
cadê tua foz?
teu ócio
nosso óbvio
todos nós?



Rubens Vaz Cavalcante (Binho)



Piracema

rio acima nada nadadeira
contra a corrente
rente à beira beradeira
abas são asas de piramutabas
e de tambaquis

transparência líquida
me líquida a razão
e meu coração de traíra traída
reluz de relance e resvala no chão

não me mate, moço
estou ovada
não me fisque, moço
vou apressada
cumpro missão celestial

rio acima estou tentando
chegar ao cais da reprodução
não quero mercúrio
não quero bagulho
não quero esta morte servida em grão

não mate meu rio
verde verdoengo leito floral
não me transforme em caça
não mute pescaria em festival
pois estou prenhe e estou bonita
porém aflita
neurose dessa tua pose letal.

Ponto do Velho

minha urbe
e minha mulher,
nave-espaço-porto-mãe,
onde me encontro e me perco
em nuances de rio e de margem,
de madeira e de barro.
urbanismo caboclo
que me faz artesão dos signos,
poetatuando
maneirismos e morenices
amazônicas.
tuas ruas,
veias sonoras
de nossas vozes alazães,
brincam de raptos fugazes
carregando-nos à revelia do vento.
minha cidade
de sol e chuva,
de mangas maduras nos quintais,
mistura de tantos brasis,
alquimia de cordéis
e de ameríndios voos poéticos
— onde ecoa ainda
o canto barbadiano nos clãs.
terra de piracema,
dos igarapés,
das quadrilhas e bois bumbás,
dos bares malucos
— de violão e cavaco —
percussionando nossos corações
de moleques levados.
arteiros curumins
que te amam e te protegem
e que às vezes morrem contigo.



Bira Lourenço



Nós

o rio tece a teia
corre o fio na veia

nó
nos ata
nós
nos saltam
aos olhos

o som da mata
sussurro escapa
o mundo
acolhe

curumim que brinca
de descobrir
a lança
a se lançar

quintal virtual
teia de nós

Atuações

o tambor que chama	pulsa
ao nascer o som	salta
o sentir prazer	toca
sendo só você	falta
amanhã morrer	nunca
pra depois crescer	basta
o oco do toco	lupa
um devir do ser	luta
virtual paixão	musa
cibercultural	busca
de tendências nós	norte
atualizações	no ver
atua ações	no ter
atuações	no ser



Carlos Macedo Dias (Poeta Mado)



Ato

Neste Rio e Florestas
a Tempestade não sentia
medo das batidas do coração
eu no meio dos Trovões
Relâmpago formando
um psicodélico festival de cores
nunca tinha visto no poema escrito
aqui em Pedras que se foram
com as bombas das usinas
hidrelétricas
fui buscar as Memórias
cavando cérebros cavucando
lembranças
pra serem contadas em cenas
de teatro
povo que vive nos Troncos
Barrancos, Praias que surgem
no meio e no decorrer do tempo
o Corpo dança feito escuridão
o Sol avermelha,
os olhos acompanham
o progresso que acordou meu Sonho.

Poema na beira

O poema feito aqui tem:

borracha
seringa
seringal
seringueiro

O poema escrito aqui tem:

cassiterita
ouro
garimpo
garimpeiro

O poema lido aqui tem:

barragem
barrageiro
usinas
bancos
débitos e dor

O poema encenado aqui tem:

boi bumbá
quadrilhas
cantos
contos
visagens

O poema é daqui

é de lá

tem Mocambo, tem Triângulo

Stª Bárbara

Urubu Vira-Lata

Murupi Malagueta.



Nilza Menezes



Espelho d'água I

se encachoeirar nas pedras
deslizar feito cobra
contorcendo
se exibindo
vivo e cheio de alegria
não é mais possível
para esse rio.
agora represado
controlado
retirado da sua natureza
da sua rebeldia
não mais cachos d'água
contornando pedras
rompendo margens
crescente e vazante na forçada lua.
já não faz mais espelho
com medo da imagem perdida
como velhos com medo
da própria imagem
cansada
modificada.

Espelho d'água II

esse rio foi espelho
para botos e laras.
foi lenda no imaginário
dos que sonhavam
e percebiam com olhos d'alma.
aí os que nada sabiam
de antepassados
só viam presente
nem sabiam o que era futuro,
vieram retalhar esse rio
esconder suas pedras
e dominar suas águas.
hoje ele cumpre prisão perpétua
e toda vez que tenta fugir
é controlado à força bruta
não espelha mais os rostos
dos botos e laras
e sem alma
sofre de depressão.



Matheus Faustino



homem-rio

Minha cidade é um porto
eu sou um rio selvagem
à procura da minha foz
Carrego a fúria dos Andes
e a majestade amazônica
Fui gelo, agora sou água
antes de não ser mais nada
serei sereno.

Uma memória de infância

Nos fundos lá de casa passa um córrego
sussurrando segredos solitários
em uma língua ancestral
que eu falava quando era criança
me banhando naquelas palavras
de um lugar atemporal

Espinho

Sou esse tucumanzeiro
que brotou no asfalto da cidade
tenho meu espinheiro
que ora me afasta da maldade
ora mantém por perto a saudade



Amanara Brandão Lube



Alô, alô, urbano

Alô, alô, urbano
Alô, alô, humano
Aqui quem fala é do interior
Do interior da terra
Das terras do interior
Interior

Estão tentando monopolizar meus sentidos,
esterilizar meu coração.
Pulverizaram veneno em minha visão,
mas eu ainda consigo enxergar,
com olhos que ninguém pode ver

Alô, alô, humano
(eu te vejo)

Alô, alô, urbano
(eu te vejo)

Aqui quem fala é do interior da Terra.

Corpo-banheiro

Movimento-me
feito banheiro.

Memórias me povoam
feito troncos a boiar por minhas sinuosidades
– traços e rugas.

Seres desconhecidos, encantados e reluzentes
habitam minhas profundezas e margens.

Minha liquidez é mistério ancestral.

Saudade ancestral

Tua largura negra de traços
me desperta a fineza
de ver o que não se diz,
de ler no corpo
uma ancestralidade
que não se encontrará em cadernos
de memórias familiares
ou álbuns de fotografias
que não existem.

Está nas nuances do teu jeito de ser
que falam sobre uma saudade ancestral
de coisas que não foram vividas
mas ficaram ali guardadas,
correndo pelas veias,
transbordando pelos poros,
encarnando gestos,
guiando as mãos
e os passos
insurgentes.

Preta Ponta de Facão

Tava escrito, repetido,
nas vozes que ecoam por todos os cantos,
todos os contos.

Que essa coisa
de “ser mulher”
doía, doía, dói.

Tava dito, me ditaram,
e eu não entendi,
até que vivi, vi, senti.

E doeu... Doeu.
Dói. Dói.

Pra cortar as amarras
que me cortam a pele preta,
a carne preta.

Doeu... dói.

Minha alforria
sou eu quem me concedo
todo dia.

É construção.
Desconstrução.
Vou cortando cada amarra
feito ponta de facão.



Jamile Soares



Ando com as minhas ancestrais

Na beira desse rio
A brisa da memória me atravessa
Sinto as vozes das minhas ancestrais ecoando
Embarcaram no porto do Vale do Guaporé
Vieram de outros países, outros Estados
Ocupando as lavanderias, as escolas, a cultura
e o sangue das descendentes
Minha mãe veio de longe
Deixou sua terra pra se tornar rio
Chegou aqui educando
Quantas vieram de outros lugares
Com os mesmos sonhos ou tristezas
Procurando comida na mesa
Encontraram açaí, pupunha e cupuaçu
Seus nomes foram substituídos
Pelas imagens dos capitães
Desbravadores de uma terra que já tinha mãe
O sangue que brota desses apagamentos
Aduba as filhas dessas mulheres
Criadoras da Mãe Amazônia.

Mãos pretas

Pretinha, Pretinha, Pretinha.
Sempre me cuidando
Seus cabelos brancos são tingidos de amor
E me dão a certeza de um amanhecer
Teu sorriso é como água fresca
Inunda a casa de vida
Regando para nos ver florescer

Pretinha, Pretinha, Pretinha.
A raiz da família

Braços de rede, embalando minha criação
Seu olhar: um portal para o passado
Guiando-me para o próximo passo

Pretinha, Pretinha, Pretinha.
Quando me olho no espelho
Vejo você
Minha vó
Vejo uma Amazônia negra

E mãos pretas a me sustentar.

Corpo-resistência

Quantas dores um corpo é capaz de suportar?
Andando na rua
Dentro dos supermercados
Fazendo show
Respirando

Nossos corpos violentados de tantas formas,
todos os dias
Balas, palavras, cuspe e rejeição
Até um ex presidente que nem parece gente
Sempre com açoite na mão
Tirando comida da boca dos meus irmãos
Corpos jogados na vala da fome

Mas respondo pra você
E pra quem me escutar
Nada vai nos parar!

Meu povo caminha com a força de milhares de ancestrais
Somos corpo-resistência
Tirando a máscara de Flandres
Colocada na boca de Anastácia
E sim! É muita audácia
Viver em tempos de constante ameaça

Mas respondo pra você
E pra quem me escutar
Nada vai nos parar!

Como diz a letra do Emicida
“Tem pele alva e pele alvo”
Mas esse alvo virou punho erguido
Manifestação
Grito na rua

E reafirmo pra você
E pra quem me escutar
Nada vai nos parar.

Eu vejo a Amazônia invisibilizada
As histórias do mormaço apagadas

A bailarina da praça passando fome
Eu vejo o Agro, o agro-tóxico
A boiada passando em cima de corpos indígenas
E o Norte no escuro.

O rio contaminado por dinheiro
E pessoas querendo ir embora por desespero
Terra sucateada por quem quer colher sem plantar

Mas garanto pra você
E pra quem me escutar:
minhas irmãs e irmãos béras
você terá que respeitar

Amazônia pra nós é lar
E você não está convidado a entrar!



patthy pds



~ floresta mapinguari

no outro arco do desmatamento
a amazônia ocidental
rondônia - porto velho - brasil
eixo perimetral da fronteira pasto/soja e floresta
floresta que resiste ao des(avanço)
floresta que pede por descanso

3.6.4

três seis quatro
onde começa o rasgo do portal-amazônia

não existe portal para a amazônia!
só existe pasto!
só existe soja!
só existe gado!
queimadas! queimadas y queimadas!
e o monstro mapinguari?
ainda aqui?
só existe o monstro de concreto barrando o meu rio-madeira
e que levou a minha cachoeira.
na explosão das pedras, mapinguari chorou com apenas um olho.
quem tenta olhar para a mapinguari, só vê monstro de concreto.
só vê monstro pasto!
só vê monstro soja!
só vê monstro gado!
MA
PIN
GUA
RI
ainda aqui?

~ norte

o mundo aponta pro norte
não o norte global
o norte-amazônia
de países amazônicos
o mundo aponta ao norte
com o objetivo de chegar em terras de povos que sabem dialogar com a floresta
o mundo aponta a sua cobiça pelo norte,
pela amazônia,
mas não nos vê,
ou, nos veem de satélites
não conhecem os seres que aqui estão
que convivem com a destruição e a preservação
com a grilagem, roubo, especulação, invasão.
o mundo não sabe o que é comer piabinha frita do igarapé pescada na hora.
o mundo matou o meu igarapé porque precisa de soja.
o mundo, quando enxerga por cima, não vê quem está embaixo. sol a sombra, o
nortista
resiste ao capitalismo e ao agronegócio.
conviver com a mãe-terra amazônia é uma prática, viver em amazônia é prática, ser
amazônia é prática.
o norte-amazônia é povo de sol e sombra.

~ do norte pro sul pro norte (parintins-amazonas)

cresci dividida pelo azul e vermelho no sul do estado do amazonas. o amazonas é azul-vermelho. azul-céu; vermelho-povo. brincando de boi desde cunhatã, fui brincar de boi adulta em parintins. a terra do boi garantido. lá eu senti o vento da ancestralidade soprar no ouvido e sonhei com meu avô. sentado numa cadeira, num lugar tão branco quanto o quarto em que eu estava hospedada, ele todo de branco, se fez encarnar no meu sonho. pediu licença para falar da sua espiritualidade (preta-maranhense-amazônida), me disse que cada um tem a sua, e eu logo imaginei que em parintins não seria diferente, aquele lugar pulsa magia ancestral. nossa conversa foi entrecortada pelos elementos mundanos. e então bateu uma saudade tão forte de suas potocas bem elaboradas com enredos mirabolantes. senti falta da minha infância-amazônia. da brincadeira no igarapé, nas pedras do rio madeira em humaitá, de andar descalço na beira do barranco. meu avô me diria alguma coisa que eu não ouvira, porque eu era assim - cunhatã atrevida - só ouço quando quero. mas me disse sem me dizer que ele se faz amazônia, que a amazônia é ele próprio e que este lugar o acolheu depois da diáspora. aquele meu preto-velho seringueiro, que me contava estórias em noites sem energia elétrica, se tornou autodidata em amazônia, cortando seringa. ele veio em parintins, o lugar que pulsa magia ancestral. ele é amazônia. salve, milton plínio, meu avô seringueiro!

~ uma mulher que ama em amazônia

uma mulher que ama em amazônia
ama outras mulheres amazônicas
amazônidas
ama
ama porque quer amar
ama porque a floresta clama
por amor
ama outras mulheres
ama, porque é terra-mãe
terra-rio
ama
por que
as outras são:
um pouco de mim
um pouco de nós,
ama-zônias,
floresta
terra
rio
beiradão,
porque somos
mulheres: indígenas, negras e ribeirinhas.
de nosso suor quente e úmido
amamos a amazônia daqui.

com amor, mulheres da amazônia que amam a amazônia fincadas aqui.



Negra Mari



A tão grande Outra

Ela grita pedindo que eu abra as portas
machuca desfazendo meus planos
me vira e me rasga de dentro pra fora
sussurra absurdos que não acredito
vive no meu quarto
invade os sonhos
resgata lembranças de outra geração
nem abro a boca, engulo, mastigo
estou noutra parte
noutra cor de chão.

Estende suas mãos magras e velhas
que já escreveu pra tantas uma sina
desejo fugir
não sei o que me espera
ela saiu do nada
ficou desde que nasci
mais velha que a terra, ainda menina
feita de desaforos, de arrogâncias
diz que se não a quero
ela pode partir.

Sou Outra todo dia
mudança constante.

Se o cabelo se assanha ou a roupa rasga
se o corpo engorda
se de estria se risca
se tem celulite
se o amor se despede
nada disso importa, nada mesmo a para
a dor não lhe assusta
o sim ela arrisca
fala de amor próprio e nada me pede
ensina a dizer sobre tudo o que sinto
olhar ancestral
que o profundo revela.

Arma afiada

Traz consigo arma afiada
no coldre, reserva
nos bolsos, munição
pra quem se atreve lhe desafiar
esteja ciente que é coragem
não hesita disparo, economiza não
aprendeu cedo a atirar
pistola pesada, destreza, arco e flecha
nas linhas de guerra, linhas de conflito.

Se banha em águas de rio que curam
resgatou realeza, beleza, suas crenças.
É bantu, mukongo, kikongo, angola.

Não abaixa a cabeça
o crespo é coroa
poder criador
rainha na história...

Carrega consigo arma engatilhada
sim, anda armada do fogo da fala
espada que corta no instante que fere
amola as lâminas na pedra bruta
sentimentos, reações, no canto da sala.

Camisa de força para conter loucura
Se enganam se pensam que calam
Seu silêncio ecoa no ouvido,

— ESCUTA!



Andressa Silva



Olhando no rio

Na beira,
diante do rio que me alimenta,
onde sopra o vento
que leva o que não é meu,
Tupã traz no mormaço
uma nova ideia.
Caminho bom
é pela verdade do coração.
Cheiro de abraço,
perfume de tucumã, beijo e farinha,
você é
uma das minhas memórias mais lindas.
Toda mulher à beira d'água,
na verdade, não está à espera de
ninguém além de si mesma.

Volte sempre ou nunca vá, disse ela
se olhando no rio
depois do banzeiro forte passar.



Samuel Pessoa



BÉRA.disse

Um Béra disse que no âmago da Amazônia,
onde as águas é que mandam,
vive um irmão Béra
guardião da Floresta.

Na ilharga do igarapé,
sua maloca ele ergue,
sobre o encanto de uma canção
que vem de escuras águas,
onde ele pesca e voa.
Conhece cada canto, cada peixe,
cada segredo da mata.
Com sabedoria ancestral, ele se apega
nas trilhas, raízes e ervas.
Na proa da canoa corta as águas,
[chape-chape-chape...]

Lá-u-vai um Beradeiro!

Com a força que rema,
com o Rio ele fala.
Sabe quando pescar,
como a rede montar.
Arandu é premissa
de sua Beradisse.
A noite chega
e o fogo espoca na beira.
Histórias serão contadas sob o luar
em linguagem Beradeira.

Assim, a voz do guardião entoa
sabedoria que nos encadeia
a manter valiosa herança
da tradição Beradeira.



Célia Marques



Cega²

cega da maninha
subiu no batelão
ganhou meu coração
antes mesmo
de chegar na restinga
cega da maninha
me achou pouco feio
beijou o meu rosto
tocou em minhas mãos
cega da maninha
no belo pôr do sol
me pescou
com seu anzol
bem perto do farol

² N. E. Expressão tipicamente portovelhense utilizada para se referir a algo ou situação que pode ser mentira, enganação, enrolação, cilada.

Té.leZ.é?³

“Té.leZ.é?”

pensando nas meninas
cantando suas cantigas
dançando suas cirandas
girando suas saias feito criança
requebrando a cintura
dançando a luz do luar
desafiando o tempo e lugar

“Té.leZ.é?”

pensando no peixe
buscando um jeito de explicar
sua existência nesse lugar
o encanto e os encantados
permanecem por lá

“Té.leZ.é?”

vivendo lá na beira
descendo a ribanceira
entrando na voadeira
indo onde quiser chegar

“Té.leZ.é?”

deixando o vento bater em seu rosto
a água tocar seu corpo
e você livre
neste grande afluente do Amazonas
a voar

no banheiro existente
no momento presente
em cada vilarejo
que irá subir
quando a vazante chegar
“Té.leZ.é?”

³ N. E. Leia-se: “Tu é leso é?”.

Nazaré

Inspirei-me no *seringandô*⁴
Inspirei-me no encontro de almas
que pairam naquele lugar
lugar de amor
de encontrar-se
lugar de prosear
terra farta
tratada por mãos mágicas
cultivando os sonhos
no ambiente
em que
se
está

⁴ N. E. *Seringandô* é uma dança ancestral que compõe o Festival Cultural do distrito de Nazaré, Baixo Madeira – Porto Velho. A dança afroindígena, oriunda do Lago do Uruapiara, foi levada do Amazonas para Nazaré pelo professor Manoel Maciel Nunes, que dedicou a sua vida à manutenção dos costumes ribeirinhos, tendo sido o fundador do distrito de Nazaré, na década de 1960, e o precursor do Festival Cultural de Nazaré. O festival abriga outras manifestações culturais como o carimbó, o boi-bumbá, grafismo indígena, comidas típicas.



Béra Akilas



Declaração Universal dos Direitos Humanos Beradeiros

Art. 1. Todo Beradeiro e toda Beradeira tem o Direito de tomar Açaí.
E de preferência fazer isso com farinha d'água
Com calma!

Art. 2. Todo Beradeiro e toda Beradeira tem Direito à água de Rio.
De ir prum banho⁵ regularmente lavar a Alma
Tem direito à água do espírito que desce do céu
entra pelo coração
passa pela cabeça e corre nas veias
que nem borboleta na floresta
Ah, que flor é esta
que tem cor e sabor de biribá?
Mas ulha, mas olha!
Jambo tem cheiro de Rosa
(A)flora
Jambeiro aflorou!
Tornando tudo realeza
tamanha é a beleza
da Cultura Amazônica Beradeira - Tapete de flor
Pra bom entendedor e entendimento
Todo Béra tem direito ao açaí cultural-farinha-espiritual!
E quem não gosta tem o direito de ouvir:
"Tá cedo!"
como quem diz
"Vai tarde!"
Todo Béra tem o direito de evitar a *fulerage*.

Art. 3. Todo Beradeiro e toda Beradeira tem Direito à Cultura e à Arte.
Direito ao Artesanato
Direito a Corpo-Voz-Espaço⁶
Todo Béra tem Direito à Poeta Mado
Direito à Bira, Bado, Bainha, Binho e Baribu Nonato⁷
Direito ao Futuro, Presente, Passado
Direito às Letras
À Literatura Brasileira
Tem direito de comer o que vem de fora
A produzir e consumir sua própria moda
Direito de devorar a ausência, a indiferença nacional

⁵ N. E. leia-se espaço para banho de rio.

⁶ N. E. Referência às oficinas do educador popular Poeta Mado.

⁷ N. E. Músicos beradeiros de Porto Velho.

E produzir presença Local
 Direito a não sumir e assumir sua história
 De ir embora
 Ou ficar aqui
 De curtir sua banda preferida
 Nem que essa banda seja de Tambaqui
 Direito ao Grafismo Indígena
 Direito à Vida
 Direito à Alegria
 Direito à Poesia
 Beradelia!⁸
 Direito de saber
 Aos saberes
 Aos sabores
 Ao preto e branco
 Direito às cores

Art. 4. Todo Beradeiro e toda Beradeira tem o Direito de comer peixe.
 (assado, frito ou cozido)
 E de fazer isso sozinho ou acompanhado dos amigos

Art. 5. Todo Beradeiro e toda Beradeira tem o Direito de merendar banana frita.
 (e de dar uma banana para quem quer acabar com a sua vida)
 Direito de fazer festa protestando
 E de protestar festejando
 Direito de estudar
 E de saber que isso pode resultar

Art. 6. Todo Beradeiro e toda Beradeira tem o Direito ao Tucumã.
 (e de dar tucumanzada em conversa atra-versada)
 Tucumã é direito, não é praga!

Art. 7. Todo Beradeiro e toda Beradeira tem Direito a Bodó com café.
 Direito ao chibé da fé
 De escutar Caribé⁹ e sua Cariberana
 Direito à castanha
 Ao pirão da União entre os irmãos e as manas

Art. 8. Todo Beradeiro e toda Beradeira tem Direito à hora da merenda.
 (para que nenhum curumim nem cunhã passem fome)
 O presente Documento esclarece:

⁸ N. E. Banda tradicional beradeira.

⁹ N. E. Cantor beradeiro.

Injustiça social tem cara de herege
 Isso mexe!
 Na hora da merenda tem dimdim de abacatada
 Ingá, suco de cupuaçu
 Bora tomar tacacá!
 Beijú
 Direito não censurável de falar:
 — Tu é doido é, doido?
 — Té.leZ.é?

Art. 9. Todo Beradeiro e toda Beradeira tem Direito ao Pensamento Tribal.
 Nosso quintal é global, mas eu sou regional
 Ampliando:
 Dessa região do espaço Sideral
 Todo Béra tem o direito de escolher ser local
 Açaí cultural
 Farinha d'água é espiritual
 Todo Béra tem o direito de comer manga verde com sal

Art. 10. Todo Beradeiro e toda Beradeira tem Direito à:
 Memória
 Justiça
 Liberdade
 Livros e escola
 Em mim mora minha própria história
 Dialética-Dialógica
 Todo Béra tem direito à linguagem beradera
 A língua padrão é a língua do patrão
 Como dizia meu Avô:
 “Tem a língua do Caboco”
 “Tem a língua do Doutor”
 A língua do Doutor é bonita
 Mas é a língua do Caboco que explica quem sou
 O amazonês, portovelhês, o beradês
 É uma baladeira semântica
 que defende os direitos do nosso povo
 E em legítima defesa: Não há dolo.
 Todo Béra e toda Béra tem direito sobre seu próprio corpo
 Béra é seu próprio território
 Senão, a ciência chegue em Marte
 antes de chegar no próximo...
 Todo Béra e toda Béra tem o Direito de saber onde tá
 Pra poder ter a escolha de ficar
 E continuar a remar

No Movimento
(e nenhum Direito a menos!)

TEJE DECLARADO!

Art'tude

O que é a Arte?
 Ou melhor...
 Quem é a Arte?
 Talvez seja mesmo uma Pessoa
Mas ulha, que belezura!
 A Arte fala
 A *beradage* escuta!

Arte brilha como sol na mente do leitor
 Arte é sua própria resposta
 Perguntando constantemente
 Quem sou

Arte é sua própria aposta e palavra?
 Ouça quem escuta
 Se estuda
 Quem luta
 Santa luta!

Seria a Arte o deleite da Bailarina da Praça?
 Que com certa razão
 Observa a loucura do mundo
 E acha é graça!

Arte é coração?
 Que podemos ouvir
 Na voz do Zezinho chamado Maranhão?
 Binho, Bado, Baribu Nonato
 e Bira com Santa Percussão!
 Arte profissão de Fé
 Bainha, Zé Catraca, Ernesto Melo
 Caribé!
 E sua Cariberana
 Dom Lauro e o Berimbalossauro!

Na Raíz Sagrada Humana
 Toda cria também é Santa
 Dia após dia
 Semana a semana
 De janeiro a janeiro
 SEMPRE NO ESTILO BERADERO
 Vendo e sentindo

Arte é Poeta
 No mato/ Barranco/ Meu morro
 Bora subindo!
 Isaías, Espingarda e Sarita

Estão ouvindo
Quando partem, tem algo que fica
Além da saudade
Fica Beradage
E fica de boa!
Arte navega no Rio da Vida
E quando precisa...
A canoa Beradera avoa!

Planet'Água

Aprender com a Água
Que em terra de encantado
Todos os contos poéticos são pardos
Aumenta o volume da Alma até o talo
E se liga na frequência
dos que não foram subjugados
Continua remando, Remador
Que todo mundo sabe
Que quem ama
Tem que lidar com a dor
Pra não entornar o caldo
A peleja tem cor, cheiro e sabor
Perfumando o mundo inteiro
Que nem flor de maracujá
Ulha já!
O que acho, é riacho
Então, Beiradão
Observo
E muitas vezes fala mais alto
Quem não reclama nem um piu
Mas essa gente Mar...
Eu Rio



Jhuka Andrade



Minha morada

A nossa Terra
Um presente tão perfeito
Vê-la morrendo me traz
Aperto no peito

A natureza
Não sabem contemplá-la
Não entendem que sem ela
Somos nada

Pelas árvores
Temos o puro ar
Se atei fogo
É difícil respirar

Não há como ouvir
O canto das aves
Estão matando
A nossa tranquilidade

Os belos rios
E mares com certeza
Estão contaminados
Com nossa impureza

Hoje não mais
Plantamos pra colher
É necessário ter
Dinheiro pra obter

Egoísmo e destruição
Jazem!

Isso desperta
A ira dos orixás
Machucam Deus
Com tanta crueldade
Infelizmente essa é
Nossa realidade

Ó pai!

Eu sinto tua tristeza
Ao ver o homem
maltratando a natureza

Desmatam
E o fogo consome
Depois não sabem
O porquê
De tanta fome

Ó pai!
É tão dolorido
Ver que os campos
Não estão mais
Tão floridos

Ó pai!
Só querem miragem
Perdoa eles
Pois não sabem
O que fazem

Terra, Terra
Terra, Terra
Terra
Minha Morada!



Marcela Bonfim



Pega no caboco

Pega no caboco, seu moço
que na cidade a vida é almoço
de quem come
e também passa fome
e sai sem dinheiro no bolso.

Da beira surgiu pra vida
mal conseguia andar
agora caminha rimando
as coisas do velho amar.

Mas na cidade
nem tudo podia,
nem o boto, Maria e Catita
mas nesse banzo
o seu mundo crescia
sua voz,
seu andar
sua sina, caboco.

Pega no caboco, seu moço
que na cidade a vida é almoço
de quem come
e também passa fome
e sai sem dinheiro no bolso



Asafe Moreno



Eldorado Sangrento

Quando os Chibchas queriam viver em paz em seu reino
Veio o homem branco para embranquecer o rio
Quem dera se os indígenas soubessem
Que estavam sendo enganados
Pela ganância dos europeus
Uma crença reduzida a uma busca por um ouro
Um genocídio!
Será se esse tal de Eldorado era real?
Não sei!
Só que tais indígenas morreram por nada
Crianças, idosos e mulheres assassinadas
em troca de ouro
Eldorado é o homem dourado
Será por que ele brilha?
Brilha pelo metal dourado
ou pelo sangue imaculado?
Só sei que essa história deveria ser apenas filme
Mas aqueles povos tiveram um triste fim

Por um ouro!
Por um ouro!



Gabriela Saturnino



Procura-se a Amazônia

Procura-se a Amazônia
Que fica no Acre, Amapá, Amazonas
Pará, Roraima, Tocantins, Rondônia
E até mesmo no Mato Grosso e no Maranhão

Procura-se a Amazônia
Que não está nos romancistas
Nem nos modernistas
Que Alencar não conseguiu estereotipar
E que o regionalismo deixou escapar

Procura-se a Amazônia
Não a do Modernismo
A que eu respiro-vivo

Procura-se a Amazônia
Que o Mário de Andrade não deu conta
Tentou na Antropofagia
Mas *kumeu* a parte de dialogar
Com os netos de Makunaimã
que quis representar

Procura-se a Amazônia
Na minha, na sua, na nossa escrita
E se é sobre literatura, eu me pergunto
Quem *kumeu* a Amazônia da minha?

Ode ao Descobrimento de Mário de Andrade

Aqui na beira da estrada,
na fronteira entre a cidade e a floresta
Na capital de Rondônia
[que, meu Deus, também é Amazônia!]
Levei um susto disgramado olhando as notícias
Do resto do país me avisando
da queimada ao lado de casa

E é como se eu lembrasse que,
lá no Sudeste,
[meu Deus, muito longe daqui!]
na cidade cinzenta de São Paulo,
os *homi* de terno e gravata
depois de muita brabeza com o temporal que veio daqui
[que podiam até aqui ter ficado e, quem sabe, aliviado a fumaça dessa temporada]
Se deitam em suas camas e, sem sonhos, desfrutam do seu descanso

Meu Deus! Esses *homi* são brasileiros que nem nós
E acham que são nossa salvação, nossos colonos

Espero que não mandem os caminhões-pipa pra Roraima por engano.



Ecós



Órfão de Cultura

Rondônia

Onde a colonização deu certo
Onde o cristianismo
impôs o seu correto.

Roubaram nossa borracha
Apagaram nossa história
E como se não fosse suficiente
Manipularam nossa memória.

Soldados da borracha
E heróis da nossa terra
Só esquecem de falar
Que pra isso houve guerras.

Sangue, morte e covardia
Violência, ódio e terror
Mas nada disso é mencionado
Quando só ouvimos o invasor.

Terra sem homens
Para homens sem terra
Esse sim, era o lema do progresso!
Parabéns pelo sucesso!

Mas quanto isso nos custaria?
Nossa fauna
Nossa flora
E um bocado de etnia

Mas o que isso lá atrás
Implica em mim agora?
Cresci dentro de um cercado
Sem conseguir olhar pra fora

Mistura de paraibano
Com uma paranaense
Meu irmão é paulistano
E só eu rondoniense

Família de pastores
Até na igreja já morei
Isso foi me sufocando
Ainda bem que me livre

Literatura só a bíblia
Da música só louvor
Do folclore eu te proíbo

Existe só Nosso Senhor!

Fecharam os meus olhos
Minha identidade sucumbiu
Assim me tornei um indivíduo
Sem amazônia e sem Brasil.



Naylane Araújo



Isto não é um poema

Abro o mapa e vejo que estou bem perto da área dos Uru-eu-wau-wau, passando por Ariquemes. AQUI, exatamente onde começa uma série de conflitos e explorações. AQUI, o prenúncio de uma nova vida para milhares de migrantes nordestinos. AQUI, a sentença de morte de milhares de indígenas. O capital não perdoa. Num ângulo de 120°, da minha poltrona no ônibus, de um lado, vejo uma área desertificada pela plantação *sui generis* de soja, enquanto deixo escapar um risinho irônico ao ver as botas *country* sobrepostas ao *jeans* justíssimo do passageiro ao lado sentado à minha esquerda. “Agroboy à esquerda”, penso, e deixo escapar um novo risinho sarcástico. Olho para as minhas próprias botas: velhas, descoladas, empoeiradas, cansadas de guerra: de subir os Andes, de cortar sertões, de trilhar chapadões, de dançar carimbó no beiradão. Do outro lado da estrada, vejo pastos e nelores a perder de vista, e me recordo de um Karitiana me explicando como a “*gente branca cria gado pra comer fácil, porque tem preguiça de caçar. Chama os parente de selvagem porque servem macaco no prato, mas pensa que vaca e bezerro também não sente. Gente branca pensa que só ela sente. Sente dor, sente orgulho, sente desejo de consertar o mundo, só não sente pena da gente! Bota soja de um lado e nelore do outro e ainda quer botar fogo na maloca*”. AQUI, onde se vê só soja, quase não há memória. Em volta da plantação, vejo montinhos de areia e o resto morto da vegetação. Fico inquieta a me perguntar como esse solo tão arenoso podia sustentar uma floresta. Daí me recordo da personagem sem nome de Caio Fernando Abreu ao telefone explicando pro Lui que quando se planta uma única coisa na terra por muitos anos, acaba-se a camada de húmus e a terra vai desertificando.

Deserto-e

d
i
f
i
c
a
n
d
o

A-pai-sa-gem-me-can-sa...

De um lado soja. Do outro nelore. À frente, filas de caminhões com vacas empilhadas.

A-pai-sa-gem-me-can-sa...

Olho no mapa e ainda estou há aproximadamente 273 léguas do meu destino.

A-pai-sa-gem-me-can-sa...

Vejo soja e pasto

E eu só queria viajar da amazônia até o cerrado.

Nota de cem ou a Cosmovisão beradeira

Na beradeira cosmovisão
O peixe da cédula é cega
Caboca mal o pega
Já escapole pela mão

Beradeiragem

(Ao Béra Samuel Pessoa)

A Beradeiragem tá no ritmo
 A voz que ecoa do seringal
 Vibra no palco um canto
 Luta poética
 Beira-estética

Um ritmo novo na boca do povo
 Não é do inglês
 Provoca burguês
 Né língua de império
 Isso é pretuguês

A Beradeiragem tá na veia e no timo
 O corpo que gira ao som do timbal
 Caboco Béra que canta
 A beradagem levanta
 Beira-psicodélica

Um ritmo novo na boca do povo
 À margem do sul
 Tem cor de urucum
 Saúda pajé
 Afroíndio de pé

A Beradeiragem tá no princípio
 Da raiz ancestral
 Nasce a voz pra clamar
 Uma luta de guerra
 Contra ideologia anestésica

Um ritmo novo na boca do povo
 É do Norte caboco
 Curandeiro de dores
 Fecha o corpo e se benze
 Contra ação dos senhores

A Beradeiragem tá na corda do baixo
 Na corda que amarra a rede no barco
 É a luta local

Pra cantar e dançar
A vida com ética

Um ritmo novo na boca do povo
Tamborim e tambor
E as mulheres de cor
Levantando a voz
Contra macho opressor

A Beradeiragem evoca entidades
E retorna a Zumbi
Do Sertão à Palmares
De dentro da floresta
Comunidade sincrética

Um ritmo novo na boca do povo
Né falácia
É grito de guerra
Do Béra que sabe
As portas que abre

A Beradeiragem toca na alma
Quando o portal ultrapassa
Corpo-mente se integram
Vem de dentro pra fora
Pra calar gente cética

Um ritmo novo na boca do povo
De respeito e audácia
Junta da beira as palavras
Pra entoar um grito de raça
Sou Béra, comparsa!

Índice Remissivo de Termos Beradeiros

A

açaí.....	44, 65
aceiro	17
amazonês	67
anum	17
araçá.....	18
Ariquemes	86
arraia.....	17

B

babaçu	17
Baixo Madeira	63
banana frita.....	66
barreiro.....	17
beradage.....	69
beradagem.....	88
beradeira	8, 9, 11, 12, 13, 14, 20, 23, 66, 87
beradeiro.....	9, 10, 11, 12, 13, 14, 66
Beradissee.....	59
bico de arara.....	17
biribá.....	17, 65
boi-bumbá	63
boto.....	76
buriti	18

C

cacique	18
cafuné	18
cais	21, 23
caititu.....	17
caju.....	18
canoa	59, 70
canto da jurema.....	18
carimbó.....	63, 86
cascaavel.....	17
castanheira.....	18
Ceci.....	17

Ch

chape-chape-chape	59
chocalho de cascaavel.....	18

C

cipó	17
colibri.....	17
corredeira	18

cunhã.....	17, 66
cupuaçu	17, 44, 67
curumim.....	17, 26, 66

E

encantados	40, 62
Estrada de Ferro Madeira-Mamoré	11, 12

F

farinha de tapioca.....	17
festança	17
Festival Beradeiros	11
fogueira	17

G

garimpeiro	30
garimpo	30
girassol	17
goiaba.....	18
grafismo indígena.....	63

I

ingá.....	17
invernada.....	18

J

jaci.....	17
jiquitaia.....	18

K

kizombas.....	19
---------------	----

L

Lago do Uruapiara	63
lagoa do Abaeté.....	18
lambes.....	10

M

macaco prego.....	17
maloca.....	18, 59, 86
mandacaru	18
manga verde com sal.....	67
mangaba.....	17
maniva	17
mujangué.....	18
mungango.....	17
mutum.....	18

O

oca.....	18
onça do mato.....	17

P

pajé.....	18, 88
papagaio.....	17
patativa.....	18
patuá.....	17
peixe-boi.....	18
penacho.....	18
piaba.....	18
pico-de-jaca.....	17
pimenta malagueta.....	17
pintado.....	17
piranha.....	18
pirão.....	13, 18, 66
piriquito.....	17
pitomba.....	17
pixilinga.....	18
porco-do-mato.....	17
portovelhês.....	67
potoca.....	17
pupunha.....	17, 44

Q

quadrilhas.....	24, 30
Quarup.....	18

R

restinga.....	61
romaria.....	20

S

sabiá.....	17
------------	----

samambaia.....	17
saúva.....	18
seringal.....	30, 88
seringueiro.....	20, 30, 51
slam.....	10
sucupira.....	17
surubim.....	17

T

Tá cedo!.....	65
tajá.....	17
tambor.....	18, 27, 89
tapera.....	17
tapioca.....	17, 21
tapuia.....	17
Tu é doido é, doido?.....	67
tucandeira.....	18
tucumanzada.....	66
tucuxi.....	18
Tupã.....	17, 57
tupinambá.....	17

U

uirapuru.....	18
urucum.....	17, 88

V

Vale do Guaporé.....	44
viado.....	17

Z

ziguizira.....	18
zueira.....	18